}2.2.

Karl Jaspers e a epistemologia da psicologia

José Maurício de Carvalho*

I. Considerações iniciais

Falar de Epistemologia da Psicologia significa entrar num problema do conhecimento que surgiu na tradição idealista. Nicola Abbagnano, no seu *Dicionário de Filosofia*, considera este um tema específico de investigação sobre a realidade das coisas[1]. E, pelo vínculo com o idealismo alemão, a Epistemologia investiga se o conhecimento é uma forma de atividade da consciência que possui valor universal. Pesquisa ainda se o ato cognitivo é elaboração da consciência sobre realidades não mentais e o que pode dizer acerca disso.

O tipo de problema com o qual se depara a Epistemologia tem grande destaque na literatura filosófica alemã, bastando considerar o que a este

* Departamento de Filosofia da UFSJ – Universidade Federal de São João del-Rei (mauricio@ufsj.edu.br).

[1] Sobre o assunto Abbagnano escreveu acerca da *Epistemologia* e *Gnosiologia* (1982): «estes nomes não indicam, como muitas vezes ingenuamente se crê, uma disciplina filosófica geral, como a lógica e a ética ou a estética, mas, de preferência, o tratamento de um problema que nasce de um pressuposto filosófico específico, isto é, no âmbito de uma determinada diretriz filosófica. Tal diretriz é o idealismo, e o problema cujo tratamento é tema específico da teoria do conhecimento é o da realidade das coisas ou em geral do mundo externo» (p. 169).

respeito escreveram Emmanuel Kant na *Crítica da Razão Pura* (1781), J. G. Fichte na *Doutrina da Ciência* (1794) e, especialmente, Ernest Cassirer em *O Problema do Conhecimento na Filosofia e na Ciência da Época Moderna* (1950). Isto sem mencionar o movimento neokantista que teve grande impacto na filosofia universitária alemã do século XX e a emergência da fenomenologia de Edmund Husserl, que reconsiderou o problema da intuição posto por Kant, dando origem a um amplo movimento filosófico baseado no modo como a realidade surge na consciência. No livro denominado *A problemática do culturalismo* (1995), especialmente no primeiro capítulo, Antônio Paim entra nos meandros do neokantismo e dos problemas relativos à representação do mundo na consciência. O culturalismo é parte desse movimento, explica Paim: «O culturalismo é corrente que emerge do neokantismo por divergir da feição que veio a assumir através da obra de Cohen e da chamada escola de Marburgo (Natorp, Cassirer, etc.)» (1995, p. 15). O texto de Paim mostra o impacto que as ideias neokantianas tiveram na Alemanha naqueles dias.

A representação do mundo na consciência, objeto da epistemologia, explica porque Karl Jaspers, um psiquiatra envolvido com processos mentais e ocupado com a psicopatologia do século passado, se envolveu com o assunto. Esta era uma questão importante na filosofia alemã de seu tempo e, adicionalmente, podia servir de fundamento para o estudo dos fenômenos psicológicos. A consolidação da Psicologia como ciência pedia um tipo de investigação filosófica que servisse de justificação racional para questões da consciência, algo semelhante ao que fizera Kant sobre a cientificidade da física de Newton. Havia ainda a necessidade de superar a visão positivista e o seu propósito de reduzir o real ao dado. O fato de psicólogos, pedagogos e médicos de todo o mundo buscarem este fundamento mostra como o assunto mobilizava intelectuais no momento em que Karl Jaspers escreveu a sua *Psicopatologia Geral*, em 1913. A insegurança de Jaspers em relação ao modo como descrevia os fenômenos mentais e do que fosse a compreensão fenomenológica encontrou em Edmund Husserl manifestação de apoio, uma vez que Husserl via em Jaspers grande habilidade para tratar dos fenômenos mentais no espírito da fenomenologia[2].

Os problemas do caráter epistemológico são examinados pelo filósofo na introdução da *Psicopatologia* em cinco itens: delimitação da Psicopatologia, Conceitos fundamentais para a Psicologia, Preconceitos e Pressuposições, Métodos e Tarefa da Psicopatologia. É esta reflexão de Karl Jaspers que será

[2] Jaspers relata em *Mi camino a la Filosofia* que teve um encontro com Husserl, em 1913, quando divulgou seus estudos de psicologia conforme a fenomenologia e, diante de sua insegurança na aplicação do método em relação ao que fosse fenomenologia, ouviu do filósofo o seguinte comentário (1953): «Você faz excelente fenomenologia em seus escritos. Você não necessita saber o que é quando o faz tão bem. Siga adiante» (p. 241).

examinada neste trabalho, aprofundando-se e avaliando-se, depois de um século em que foi pensada, a fundamentação científica da psicologia. Na realização desta tarefa levar-se-ão em conta os aspectos complementares escritos em outros de seus trabalhos, além das observações de alguns de seus comentaristas conhecidos.

II. A importância do assunto para a epistemologia da psicologia

A relevância do tema foi bem posta por Carlos Matheus em sua recente conferência *Karl Jaspers e a Fenomenologia*, pronunciada no Simpósio de Psiquiatria da USP, realizado em março de 2013. Ele lembra que o assunto merece ser examinado no momento em que se comemora o centenário de lançamento do principal trabalho de Karl Jaspers sobre o assunto, a *Psicopatologia Geral*. A obra pretende, como síntese de Pierre Fédida, fazer: «uma abordagem especializada que, sem ser nem uma Psicologia, nem uma Psiquiatria, tenha os meios metodológicos de um projeto de observar e de descrever os distúrbios psíquicos e compreender seu acontecimento fenomenal singular no cerne da generalidade das experiências?» (1992, p. 288). Neste sentido representa uma contribuição fundamental. Cristia Correa também destaca o problema da cientificidade da Psicologia e a solução de Jaspers no artigo "A compreensão na Psicopatologia de Karl Jaspers e na Psicanálise", onde aborda a relevância para a epistemologia psicológica do esforço do filósofo para construir a certeza possível nos estudos psicopatológicos, embora lhe pareça que a teoria psicanalítica complete a noção de compreensão desenvolvida por Jaspers. O problema da cientificidade da Psicologia foi posto e comentado, mais tarde, pelo próprio filósofo em *O médico na era da técnica* onde afirma a necessidade de: «discutir os modos de objetivação, isto é, os modos em que algo é para nós objetivável. Esta questão é uma questão metodológica fundamental da Psicologia» (1998, p. 27).

A elaboração da *Psicopatologia Geral* teve um papel importante na trajetória intelectual de Jaspers porque o livro, conforme observa Antónia Perdigão, foi o instrumento para que o filósofo: «estabelecesse uma distinção fundamental e abrupta, tanto no nível do método como do objeto, entre Ciência e Filosofia» (2001, p. 540). Este é um problema que ele retomará em diversos trabalhos ao longo da vida, bastando recordar aqui o segundo capítulo de *Razão e Contra-razão no nosso tempo* onde desenvolve seu entendimento de que: «quando se trata de apreender a verdade, a ciência não é tudo» (s.d., p. 51). A obra ajuda a entender o que é a verdade, tanto na Filosofia como na Ciência, como comenta José Nedel no ensaio *A teoria da verdade em Karl Jaspers*.

Nele Nedel lembra a distinção entre verdade científica e filosófica, bem como os riscos inerentes à negação da verdade nos dois campos, considera os problemas derivados da crença na posse da verdade absoluta e introduz o magno problema do englobante. Com o conceito englobante ou envolvente, Jaspers discute a questão da verdade na Filosofia, lembra o comentarista, afirmando que «o englobante jamais é um ser determinado porque este nunca é todo o ser» (p. 6). Englobante é questão metafísica, como avalia Michelle Sciacca em sua clássica *História da Filosofia* (1968):

> «Toda nossa busca é limitada. Porquanto seja vasto um horizonte é sempre circunscrito por outro. O horizonte é o limite que nos aprisiona e é, ao mesmo tempo, a prova do infinito. O nosso pensamento assim se perfila entre o limite do homem e o abismo do próprio infinito e tende sempre a ultrapassar um horizonte por mais vasto sem jamais conseguir libertar-se do limite [...]. Na deslocação de horizontes, diz Jaspers, o pensamento sente o próprio naufrágio e adverte a transcendência» (p. 273).

O comentário de Sciacca mostra como o pensamento metafísico de Jaspers se associa ao entendimento kantiano sobre os limites da razão.

O debate sobre a epistemologia da psicologia ganha importância no contexto geral das meditações do filósofo sobre o conhecimento porque, embora a Filosofia tenha outra origem e destino, a Ciência, conforme resume no capítulo inicial da *Iniciação Filosófica* (1987): «pressupõe o estado avançado que estas atingiram na era atual» (p. 10). No artigo "Uma leitura sobre a obra Psicologia das visões de mundo de Karl Jaspers", Vinícius Souza também destaca a preocupação do filósofo em não afastar o trabalho de fundamentação feito pelo filósofo do realizado pelo cientista, lembrando que, embora em campos distintos, «o melhor cientista não é o enciclopédico, mas o que trabalha o relacionamento entre a realidade e o conhecimento, tarefa que também pertence ao universo do filósofo» (p. 3).

Adriano Rodrigues igualmente destaca a importância de *Psicopatologia Geral* no que nos dias de seu lançamento representava «o debate filosófico acerca da metodologia a ser empregada nas ciências humanas» (p. 755). E complementa a reflexão de caráter histórico, mencionando o valor do livro até os dias de hoje, lembrando o esforço do filósofo na crítica metodológica e organização dos dados reunidos do seguinte modo (2005):

> «Sua tarefa se compôs pelo mapeamento dos suportes conceituais e métodos vigentes, pelo exame de suas virtudes e limitações quando empregados individualmente; pela exploração dos domínios específicos de aplicação

> dos métodos mais gerais (causalista-explicativo e histórico-compreensivo) e, finalmente, pela proposição de um modelo de psicopatologia que, na sua visão, poderia atender a aspirações científicas» (p. 756).

O comentário de Adriano Rodrigues nos coloca direto em contato com a fenomenologia como método para as ciências humanas que preserva as preocupações epistemológicas sem desconsiderar o fundamental do objeto de estudo da psicologia, a experiência subjetiva. Junto a esta questão está a de não estender os estudos de psicologia para outros campos do conhecimento, como se lê em *Filosofia e Psicologia, o pensamento fenomenológico existencial de Karl Jaspers* (2006):

> «De um lado, Jaspers procura fazer, a partir da fenomenologia, a mais exata descrição possível dos fatos psicológicos e assegura o caráter de cientificidade dessa investigação; de outro, constata que a dimensão existencial afeta o comportamento tanto do terapeuta como de quem o procura para pensar o seu mundo. Se ela não é impedimento para que se construa uma ciência psicológica, é preciso assegurar que a ciência daí emergente não tenha a pretensão de ser uma ciência total[3], isto é, como uma palavra de explicação sobre todos os fatos da vida humana» (p. 161).

III. Por uma epistemologia da psicologia na *Psicopatologia Geral* de Karl Jaspers

Para iniciar sua investigação sobre a psicologia humana, Karl Jaspers esclarece que as chamadas doenças mentais nos colocam diante «do problema do homem que está, pode-se dizer, permanentemente presente. O espírito e a alma atuam em todas as enfermidades psíquicas» (p. 18). Ao referir a alma e espírito como algo típico do modo humano de ser, Jaspers emprega uma compreensão fenomenológica da consciência construída por

[3] Sobre a pretensão de construir um discurso sobre a totalidade do real e do falso propósito de se chegar a uma ciência total, escrevemos em *Jaspers: Ciência e Filosofia* (1999): «Para Jaspers o método científico ajudou a esclarecer que não se sustentam cosmovisões, isto é, visões gerais do mundo. Com tais mundivisões surgiram? A partir da organização de princípios gerais a partir da observação do múltiplo e disperso. O processo atinge o seu ponto mais elevado na formulação de uma visão de mundo que propicia, por seu turno, a noção de universo unificado. No entanto, o mundo como totalidade não é objetivável» (p. 74). O assunto também foi investigado por Natanael Silva, que destacou sua dimensão metafísica do seguinte modo: «O conhecimento tem seu limite e jamais poderá compreender a realidade abrangente» (p. 5).

Nicolai Hartmann e adotada na universidade alemã no início do último século, conforme depoimento de Delfim Santos, filósofo português frequentador dos cursos de Hartmann[4]. Justo por isto os fenômenos psicopatológicos eram, para Jaspers, algo humano, pelo que não poderíamos falar propriamente de «doença mental funcional em sentido próprio, em animais» (p. 19). Além disto, dois aspectos desta representação da realidade mostram-se na delimitação inicial de Jaspers: a compreensão do homem como quem cria seu destino[5] e o vínculo entre o espírito e a natureza. Eis como o filósofo aborda estas questões: «o homem possui um destino cujo cumprimento é entregue a ele mesmo. Mas o homem nunca é um ser puramente espiritual. Até as mínimas ramificações de seu espírito, são determinadas pelas necessidades da natureza» (1979, p. 19). Esta forma de pensar se expressa nas considerações sobre o modo de ser do homem que Jaspers definirá mais tarde, numa dupla modalidade: «enquanto objeto de investigação e enquanto existência de uma liberdade inacessível a qualquer estudo» (1987, p. 59).

Os estudos de Psicologia nos colocam diante de um problema epistemológico importante: como considerar a alma (ou consciência) um objeto de investigação se não se pode observá-la diretamente. Jaspers explica que a alma «torna-se objeto através daquilo em que se mostra perceptível no mundo: nos fenômenos somáticos concomitantes, nas expressões inteligíveis, no comportamento, nas ações» (*idem*, p. 20). Ela se torna objeto, portanto, por imagens e comparações. E observada em sua dimensão temporal a alma é histórica, como o próprio espírito, realidade assim apresentada pelo filósofo: «a alma é vir-a-ser, desenvolvimento, diferenciação, nada de definitivo e acabado» (*idem*, p. 21)[6]. Para se conhecer uma pessoa, é importante saber como foi sua história de vida, aí estará a chave para se compreender seu mundo singular.

[4] No ensaio *Das Regiões da Realidade*, Delfim Santos escreve sobre o modo como o mundo se mostra na consciência em quatro regiões. Além da matéria bruta, o real nos aparece em «unidades compostas de matéria-vida, matéria-vida-consciência e de matéria-vida-consciência-espírito. Da primeira temos como exemplo os seres vegetais, da segunda os seres animais e da terceira o homem» (1982, p. 269).

[5] A noção de que o homem cria seu destino é algo típico da meditação fenomenológica existencial como foi resumido em *Perspectivas do Homem* por Roger Garaudy ao dizer que, segundo Heidegger: «o homem lança-se em direção ao possível» (1966, p. 53). Esta será uma questão fundamental nos textos filosóficos de Karl Jaspers, que escreverá mais tarde na *Iniciação Filosófica*: «a liberdade do homem desvenda-lhe simultaneamente a insegurança de seu ser e as probabilidades de atingir o que autenticamente pode ser. Ao homem é dado, pela liberdade, conformar sua existência como se modela qualquer material. É ele, pois, o primeiro que tem história, que não vive do seu patrimônio biológico, vive da tradição» (1987, p. 62)

[6] Em seu livro *O problema da consciência histórica,* Hans Georg Gadamer mostra como o assunto ganhou destaque na filosofia alemã, apontando o trabalho de Dilthey para «assegurar uma base

Normalmente se atribui três significados à alma, a saber: a interioridade de uma experiência, a consciência objetiva do que no mundo se contrapõe à vivência interior e, finalmente, a consciência de si. Ao se referir destes três modos à consciência psicológica, Karl Jaspers se depara com elementos inconscientes, assunto popularizado por Sigmund Freud naquele momento. Contudo, o que de inconsciente está na alma humana não é propriamente parte da consciência, como sugeriu o desenvolvimento da psicanálise. O que Jaspers admite está próximo do que disse Freud, com sentido fenomenológico, em *Novas contribuições da Psicanálise*[7], isto é, inconsciente é algo que se pode supor em razão do que se observa do comportamento das pessoas.

Jaspers descreve o que se pode supor seja inconsciente com base nas observações clínicas mencionando quatro pontos como se segue. Inconsciente é: 1. o que foi mecanizado, o que se expressa na falta de atenção («a. o inadvertido, mas vivido); b. o não querido (mas realizado); c. o não recordado […]; d. o que não foi objetivado») (p. 23), 2. o criador, o vivo («tudo que é essencial, tudo que nos arrebata, que nos sustenta, todo impulso, toda imaginação e elaboração») (*idem*, p. 23), 3. o que é psiquicamente real como identificou Freud e 4. o ser absoluto, o que tem o sentido metafísico descrito na sua filosofia como *englobante*[8]. Neste último aspecto o conteúdo pensado é inconsciente no sentido de incognoscível.

O existente vive em relação com um entorno ou mundo circundante que afeta sua vida íntima, mas o faz segundo sua própria condição, conforme ensina a fenomenologia de Husserl. E assim diz Jaspers sobre a investigação da vida singular de cada sujeito: «só é possível investigá-la de forma adequada como um modo de vida no seu ambiente, para o qual foi construída e se realiza numa adaptação ao mundo de sua percepção e de sua ação» (1978, p. 24).

epistemológica» (1998, p. 10) para os assuntos históricos. E, mais adiante no mesmo livro, avalia a descoberta da historicidade da consciência como uma das mais marcantes descobertas da humanidade. Afirma: «a aparição de uma tomada de consciência histórica é, possivelmente, a mais importante revolução por que passamos desde o surgimento da época moderna» (*idem,* p. 17).

[7] O trecho do livro indicado no *Dicionário de termos da Psicanálise de Freud* é o seguinte: «A mais antiga e melhor significação da palavra *inconsciente* é a descritiva; nós chamamos de inconsciente a qualquer processo mental, cuja existência nós somos obrigados a pressupor – porque, por exemplo, nós o inferimos de alguma maneira através de seus efeitos – mas do qual não estamos diretamente informados» (1978, p. 98).

[8] No livro *Psicologia de las concepciones del mundo* o filósofo esclarece em que consiste este inconsciente que não pode ser expresso como objeto da consciência, pois, sendo fundamentalmente relacionado às explicações metafísicas do mundo, não pode ser circunscrito pela consciência lógica ou espírito. Diz: «o homem que vive e obtém apoio no infinito está em estado débil, diante do incondicionado que, em virtude de sua infinitude, não pode ser abarcado e limitado» (1967, p. 397).

E logo adiante explicita o vínculo entre sua interpretação e a fenomenologia afirmando: «na redução fisiológica permanece uma relação entre estímulo e reação, na redução fenomenológica, a relação intencional é entre o eu e o objeto» (*idem*, p. 24).

No aprofundamento do assunto, ele esclarece que os conteúdos da vida espiritual afetam o funcionamento da alma. Assim, enquanto uma pessoa com baixa escolaridade e riqueza intelectual vive o delírio de ciúme ou de perseguição com ideias grosseiras, grandes escritores se valem do distúrbio como «fonte de originalidade de suas criações poética» (*idem*, p. 25). Com a observação o que o filósofo quer dizer é que os componentes espirituais possuem autonomia frente aos processos psíquicos, e não faz sentido dizer que uma obra de arte é esquizofrênica. O assunto foi melhor esclarecido em *Genio y Locura*, onde escreveu: «Há outra incompreensão que convém eliminar. O fato de que se pretenda definir este indefinível ar esquizofrênico que tem estas obras, não significa que elas, por si mesmas, sejam doentes. O espírito se coloca acima da antinomia saúde-doença» (1956, p. 259)[9].

O desenvolvimento espiritual da pessoa depende de sua formação intelectual e do ambiente cultural que freqüenta. Estes conteúdos independem dos processos da alma. Dito de outro modo pelo filósofo, «o homem vive da história, participando do espírito objetivo através do qual chega, então, a encontrar a si mesmo no desenvolvimento individual» (1979, p. 27). Fica delimitado no homem o que seja o espaço de estudo da psicologia como ciência e o campo da Filosofia e da Cultura.

No que se refere aos preconceitos que afetam as considerações da epistemologia da psicologia, Jaspers enumera seis que influem na criação da psicologia como ciência[10]. Ele inicialmente define preconceito como «tendência, que se satisfaz com ideias básicas simples e conclusivas, gerando com isso a

[9] Este assunto foi examinado em *Genio y Locura*. Ali o filósofo investiga como quatro artistas fantásticos – Strindberg, Swedenborg, Hölderlin e Van Gogh – vivem o delírio esquizofrênico. Ele separa o fenômeno psicológico dos elementos presentes no universo espiritual do artista. Eis o que escreve a este respeito: «Há de se descartar toda ideia de explicarmos o sentido dos quadros de Van Gogh pelo procedimento de lhes colocar uma etiqueta com os disseres: quadro de um louco» (1956, p. 258). A distinção entre consciência psicológica e realização espiritual acompanha a distinção corrente na universidade alemã e foi resumida na nota 2 no modo como Delfim Santos refere-se aos estratos da realidade.

[10] A indagação pela cientificidade da Psicologia se insere na busca de justificação para a ciência da alma que, embora distinta das ciências da natureza, não perde o vínculo com o projeto moderno de ciência que Jaspers define, em *Ciência e Verdade* como: «um questionamento metódico guiado pelo conhecimento deste método e de seus limites. Em segundo lugar, ela traz consigo uma certeza coercitiva que se apóia em, e se dirige para o que permanece incerto. Em terceiro lugar, ela é válida para todos, não apenas de direito, mas de fato» (p. 105).

inclinação para absolutizar pontos de vista, métodos e categorias particulares, bem como a confusão entre possibilidade de saber e convicção da fé» (*idem*, p. 28). Para Jaspers, o primeiro dos preconceitos é filosófico e consiste em usar a Filosofia para assuntos não filosóficos. Isto é o erro categorial enunciado pela fenomenologia e que consiste em usar categorias adequadas a uma das regiões da realidade (matéria, vida, consciência e espírito) em outra. No caso, a meditação filosófica não é adequada para tratar do que só a experiência e a observação sistemáticas são capazes de mostrar[11]. O preconceito seguinte é o teórico. Como a psicologia não possui uma única teoria admitida por todos os investigadores, e sendo as explicações teóricas necessárias em qualquer ciência, nos assuntos psicológicos mais que em qualquer ciência, a atenção deve ser dada à observação e registro dos fenômenos mais que às teorias. Se os fatos indicarem o contrário da teoria, é importante alterá-la e ajustá-la. Alerta o filósofo: «Vê-se a realidade com os olhos da teoria. Será, portanto, nossa tarefa constante aprender a abstrair sempre dos preconceitos teóricos, que sempre atuam em nós, exercitar-nos em colher puramente os dados» (*idem,* p. 30). O preconceito somático se expressa pela redução do homem à dimensão física, considerando o fenômeno psíquico «um sucedâneo sem valor próprio do conhecimento» (*idem,* p. 30). O resultado deste preconceito é a atitude contemporânea de medicar ante qualquer queixa relativa à vida psíquica. Em contrapartida, o preconceito psicológico consiste em estender para outros campos da cultura conclusões e entendimentos aplicáveis unicamente aos assuntos psicológicos. O preconceito representativo consiste em tomar imagens presentes na consciência como ideias. O último dos preconceitos refere-se ao uso exclusivo de variáveis quantificáveis como garantia de validação científica. Métodos estatísticos e experimentais trazem informações úteis nos estudos de Psicologia é certo, mas não se pode reduzir o estudo dos fatos psíquicos ao que se pode investigar quantitativamente.

Superar tais preconceitos é fundamental para a construção de uma psicologia como ciência. A orientação fenomenológica do autor sugere que a

[11] No livro *Da Filosofia* (1939), Delfim Santos esclarece em que consiste o erro de aplicação das categorias de uma região do real para outra do seguinte modo: «O primeiro caminho, pois, que se oferece ao filósofo para evitar esta dificuldade é tentar a determinação ontológica da realidade e, a seguir, assegurar a cada uma das suas regiões o tipo de conhecimento essencial que a pode penetrar. O primeiro momento indicar-nos-á as categorias adequadas ao conhecimento de cada uma dessas regiões. Essa linguagem, inspirada na fenomenologia, exige uma explicação: o universo é um todo e este todo exprime determinado tipo de unidade. Esta unidade, porém, não é identidade, e, se é possível pensar o todo em identidade lógica, esta, por sua vez, não exige para sua justificação existência homogênea do real. Quando se fala de diferentes regiões da realidade pretende-se indicar que o diverso não pode ser integralmente traduzido por um mesmo que se supõe elemento primeiro» (1982, pp. 265-266).

principal estratégia de investigação do mundo do outro é procurar percebê-lo desde dentro, conforme seus mecanismos e funcionamento. Não se trata do que Ortega y Gasset entende por mundo do outro[12], mas do que Edmund Husserl denominava empatia, um sentir junto com o outro. Melhor dizendo, compreender o outro por dentro, partilhar experiências, perceber como ele entende o mundo. Husserl nos fala de uma experiência na qual cada pessoa, mesmo permanecendo o que é, a saber, um mundo singular, pode compartilhar o mundo de outra pessoa[13].

A atenção aos fatos e, especialmente, o fundamento fenomenológico a orientar a investigação não impedem o uso de vários métodos, que são utilizados com proveito em outros campos da ciência, para fornecer conhecimentos na psicologia. Jaspers reúne os métodos em dois grupos: os teóricos e os lógico-concretos. Entre os primeiros, o método experimental, que permite o conhecimento naqueles casos em que as doenças físicas repercutem no funcionamento mental, e as estatísticas (ou métodos matemáticos), que propiciam correlações, ou traduzem quantitativamente variáveis de difícil verificação experimental. O emprego destes métodos completa e traz informações relevantes para o psicólogo, mas não são os únicos aceitáveis e, ao contrário, no estudo dos fatos psíquicos só muito raramente eles podem ser utilizados. Diz o filósofo: «Métodos técnicos de investigação – experimentos, medições, cálculos – proporcionam, muitas vezes, ao pesquisador observações esporádicas nos doentes. Por isso tais processos são úteis e impressionam, embora seja precário o seu significado específico» (*idem,* p. 39). Os métodos lógico-concretos são fenomenológicos. Então se explicita que fenomenologia é fundamento epistemológico para os estudos psicológicos, mas é também um

[12] No caso de Ortega y Gasset, falar do mundo do outro exige não só conhecer o seu mundo particular, mas o modo como objetivamente ele surge para os outros. Diz Ortega y Gasset em *Goethe desde dentro*: «Não é dentro de Goethe, senão dentro de sua vida, do drama de Goethe. Não se trata de ver a vida de Goethe como Goethe a via, com sua visão subjetiva, senão entrando como biógrafo no círculo mágico desta existência para assistir ao tremendo acontecimento objetivo que foi esta vida da qual Goethe não era senão um ingrediente» (1994, p. 401). Para uma epistemologia da psicologia importa justamente conhecer como a pessoa enxerga seu mundo, como seu mundo lhe parece ser.

[13] Na síntese que Nathalie Depraz faz no livro *Compreender Husserl*, explicita-se o que deve ser uma relação empática. O que ali a comentadora descreve é bela tradução do que Jaspers considera deva ser a relação entre o terapeuta e seu cliente. Ela escreve: «Por ocasião deste passeio no jardim, partilhamos as sensações do momento, olfativas e visuais; trocamos, tácita ou expressamente, pensamentos, lembranças, projetos, juntos imaginamos situações por vir; juntos vivemos a emoção ambivalente deste lugar, essa felicidade que sabemos sempre efêmera. Em suma, são duas carnes que, por instantes, não cessam de se emparelhar em sua co-presença mútua» (2008, p. 83).

método que permite a apreensão, compreensão e descrição dos fenômenos vividos pelo paciente. Diz Jaspers: «A representação das vivências e dos estados psíquicos, a sua delimitação e estabelecimento de sorte a se entender os conceitos sempre da mesma maneira, é tarefa da fenomenologia» (*idem*, p. 40). E o uso do método fenomenológico nos coloca diante de uma condição muito específica onde nem sempre se explica porque os fenômenos ocorrem como nas ciências naturais, mas se compreende como a pessoa experimenta o fenômeno. Ele assim o explica:

> «Na fenomenologia nos apresentamos qualidades particulares, estados particulares vistos em repouso, compreendemos estaticamente, enquanto aqui compreendemos a inquietação do psíquico, o movimento, o contexto, uma diferenciação, compreendemos geneticamente (psicopatologia compreensiva). Mas não apenas os fenômenos vivenciados subjetivamente e sim também o psíquico visto imediatamente na expressão, o funcionamento e as manifestações, as ações e o mundo das vivências dos pacientes» (*idem*, p. 41).

Isto significa que o método fenomenológico permite a descrição objetiva das vivências do paciente, mas também mostra o processo dinâmico (ou genético) de como os fatos psicológicos se organizam e continuamente se reorganizam na malha psicológica. No caso terapeuta e cliente constroem uma relação importante. Uma aplicação direta do método fenomenológico obriga a considerar o todo da malha intelectiva e não só os fatos particulares, como insistiram os psicólogos da *Gestalt*, pois o todo psíquico afeta a percepção das partes. Este entendimento da *Gestalt*, que Jaspers destaca do método fenomenológico com o nome de *percepção das totalidades*, revela que o todo pode se manter, mesmo quando alguma parte do campo psíquico se modifica. Assim, quando se diz que algo não está bem, não significa que tudo esteja mal. E aqui nova referência fenomenológica, o homem como um todo não é objeto da ciência. Jaspers diz: «quando se fala na totalidade do ser do homem, trata-se de algo infinito, que não se pode conhecer como totalidade. Edifica-se sobre uma multidão de funções psíquicas particulares» (*idem*, p. 44)[14].

[14] O *englobante* aparece de dois modos para Jaspers: como o *ser em si* e como o *ser que somos*. Este último se manifesta de várias formas. Ele surge como *sujeito vital* e se mostra num assunto que não se esgota na contraposição entre a interioridade e o que cerca o eu; *como consciência geral*, se mostra na cisão consciência e objetos; como *espírito*, revela dicotomia entre a ideia de mim e do que está a minha volta e como *existência* mostra a cisão entre minha realidade pessoal e o que a transcende. O englobante que se manifesta através de mim engloba e é englobado pelo englobante que *o ser é*. Este ser se manifesta como mundo ambiente, como objetividade cognos-

O conhecimento é um processo contínuo que a investigação permite renovar e ampliar os conteúdos, mas para que corresponda à realidade é necessário que seja obtido conforme os métodos aceitos nos diversos campos de conhecimento. Jaspers considera necessário que este saber provenha da realidade e não seja imposto com violência. O conhecimento verdadeiro se justifica pela razão e é por ela reconhecido sem necessidade do uso da força[15]. A obtenção da verdade científica pede frequentemente procedimentos auxiliares que não possuem valor em si, apenas valem como instrumento de apoio na obtenção do conhecimento verdadeiro. A teoria elaborada, no âmbito das ciências, com ou sem apoio de procedimentos auxiliares, deve se limitar ao seu objeto de estudos sem pretender tornar-se teoria global[16]. Comenta Jaspers a respeito:

> «sempre que se complicam as explicações, o pesquisador deve ficar em guarda e precaver-se contra o perigo de cair no sorvedouro de um redemoinho de pensamentos que o arrasta para a infinidade de tudo possível, o transforma de chofre em onisciente, de sorte a já não se poder mover senão na aparência de uma atividade tautológica» (*idem*, p. 48).

A investigação científica, portanto, não fornece um conhecimento completo da realidade, mas a descreve em fatias, conforme o objeto estabelecido e os métodos utilizados. Em síntese cabe vencer, como diz em *Ciência e Verdade*, a superstição da ciência «que não sabe o que é ciência em realidade, acredita poder apreender – através dos aparelhos que utiliza – a verdade em sua totalidade» (p. 108). Mesmo no âmbito da Filosofia, o alcance da realidade de forma completa e definitiva acaba não se realizando, embora seja procurado[17]. Uma coisa é o propósito ou apelo da verdade, outra a sua posse.

cível e igualmente como ideia. Há ainda a quarta manifestação deste englobante que o ser é e que se revela como transcendência.

[15] No livro *A situação espiritual de nosso tempo*, publicado em 1932, Jaspers reafirma que, quando um conhecimento perde o caráter científico para se tornar uma concepção de mundo, torna-se um conhecimento que limita a humanidade do homem.

[16] O significado de teoria total e os males que ela causa estão bem explicados na *Introdução ao pensamento filosófico.* Ali escreveu o filósofo: «Quando a Psicologia e a Sociologia degeneram em ciências totalitárias, manifestam-se estranhos fenômenos entre seus adeptos. O desejo de poder domina o desejo da verdade. O conhecimento que se tem do homem passa a ser mais importante do que o próprio homem» (1993, p. 92).

[17] Sobre a relação da Ciência com a Filosofia não se pode pretender aplicar os estudos filosóficos nas ciências, pois isto é um esforço inútil. No segundo volume da *Psicopatologia Geral*, Jaspers define Ciência como «conhecimento geralmente válido, impositivo. Funda-se em métodos conscientes, passíveis de serem comprovados por quem quer que seja; e refere-se sempre a

A consciência humana nunca atinge a verdade plena e definitiva, diz, «pois todo conhecimento é do particular» (1979, p. 49).

Quanto aos estudos de psicologia, a epistemologia enfrenta, além da impossibilidade de uma ciência total, a dificuldade de padronizar conceitos, pois seu objeto não favorece a constituição de uma terminologia única e aceita por todos os estudiosos da psicologia humana. Esta dificuldade é uma razão a mais para o estudioso conhecer os meandros da Filosofia e o que ela pensa do saber constituído. Não que Jaspers considere necessário o investigador da psicologia repetir o conteúdo dos sistemas filosóficos constituídos ao longo da história do pensamento, mas ele precisa familiarizar-se com os limites da razão que o conhecimento filosófico revela. Em outras palavras, o que se espera é que o pesquisador «assimile os pontos de vista e os métodos de pensamento das ciências do espírito» (*idem*, p. 51). Nesta tarefa cumpre-lhe agir com persistência, conforme explica em *Ciência e Verdade*: «Nada detém a ciência moderna. Ela vai até o fim. Uma ideia lhe parece de início absurda? Ela persiste até alcançar uma nova certeza capaz de lhe revelar os fatos» (*idem,* p. 107).

O que Jaspers quer dizer é que a epistemologia nos coloca em contato com os limites da razão, como sugeriu a filosofia transcendental de Kant, mas também indica as dificuldades inerentes aos métodos utilizados nos estudos científicos. No caso da psicologia, diz o autor na *Psicopatologia Geral*: «os métodos nos devem proporcionar a base de determinado conhecimento, aprofundar nossas concepções e ampliar o mundo de nossa experiência. A seguir, nos devem ensinar os fatores causais que produzem a conexão dos processos, devem proporcionar a visão dos contextos inteligíveis» (*idem*, p. 52). Estas observações do filósofo traduzem o modo como os fenomenólogos entendem a subjetividade, a partir da nossa experiência íntima, como comenta Carlos Matheus: «Essas duas palavras – *vivência* e *evidência* – fazem parte do vocabulário fenomenológico, a existência é uma sucessão de vivências que revelam a evidência da subjetividade» (2013, p. 4). Também não se pode perder de vista que a fenomenologia destaca a liberdade pessoal como característica tipicamente humana, característica que permanece mesmo quando o homem se encontra em tratamento psicoterápico.

objetos particulares» (1979, p. 919). Quanto à relação entre Filosofia e Ciência, o autor explica na introdução do livro que «ela é constituída de maneira a permitir que a Filosofia provoque uma atitude interna proveitosa à Ciência, por traçar limites, por guiar internamente, por subministrar o fundamento propulsor de um desejo de saber sem limites. Uma lógica filosófica deve-se afirmar como lógica concreta na apreensão estruturante dos fatos» (*idem*, p. 63).

IV. Considerações finais

Psicopatologia Geral completa cem anos em 2013, o mesmo ano em que foi publicado o *Anuário de pesquisa fenomenológica* por Edmund Husserl e Max Scheler. Apesar de antiga, a obra continua sendo uma das de maior impacto na psicologia, fundamental não só como manual de psicopatologia, mas como base de uma epistemologia da psicologia. Pode-se considerar que o livro realiza o propósito de Franz Brentano de apresentar os fenômenos psicológicos na base de uma filosofia da consciência, projeto que foi realizado por um discípulo conhecido: Edmund Husserl. Jaspers pretendia aplicar os elementos fundamentais da fenomenologia de Husserl no estudo dos fenômenos psicológicos, realizando no âmbito da ciência psicológica e de sua filosofia o propósito de seu mestre Brentano[18].

Os fenômenos psíquicos surgem dos estudos de Karl Jaspers como desafio a ser aprofundado continuamente, já que não se esgotam no plano da observação direta. Se eles permanecem inalcançáveis às explicações fica o desafio de serem compreendidos como espera fazer Jaspers[19]. Ao estabelecer as bases epistemológicas da psicologia, ele propõe um método que, dentro de seus limites, fornece uma verdade científica universalmente válida, respeitando o que fica inatingível pelo método – a condição singular e livre do existente humano.

As situações nas quais o homem está mergulhado em sua existência são de insegurança, limitação e dores. Quanto maior for o conhecimento de si, fornecido tanto pela psicologia como pela filosofia, mais clara é a compreensão das dificuldades pessoais e singulares, como aquelas decorrentes da estrutura contraditória do mundo. É o que sugerem os estudos de Psicologia e Filosofia feitos por Karl Jaspers.

A epistemologia da psicologia construída por Karl Jaspers faz parte da resposta que a fenomenologia construiu para a crise da ciência e de humanidade identificada por Edmund Husserl em *A crise da humanidade europeia e a Filosofia*. Jaspers elabora novos paradigmas para a cientificidade da psicologia.

[18] No texto autobiográfico *Mi camino a la Filosofia* apresentado na conferência transmitida pela emissora Berömunster da Bavieira, Jaspers confessa (1953): «Depois de uma larga sujeição à medicina conheci Husserl, em 1909, através de leituras. Sua fenomenologia foi para mim muito fértil como método, porque podia aplicá-la para descrever as vivencias dos enfermos mentais. [...]. O que atuava em mim o encontrei confirmado em seus escritos: o impulso até as coisas mesmas. Isto, em um mundo cheio de preconceitos, esquematismos, convenções, era como uma libertação» (pp. 240-241).

[19] No artigo *A compreensão na fenomenologia de Karl Jaspers e na Psicanálise*, Cristia Correa, interpretando Jaspers, a apresenta como «a habilidade de interpretar os motivos do indivíduo e o significado subjetivo das palavras e das ações dele» (2011, p. 376).

Referências

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

CARVALHO, José Mauricio de. "Jaspers: Ciência e Filosofia". *Anais de Filosofia*. São João del-Rei: UFSJ, 6: 73-87, jul. 1999.

———. *Filosofia e Psicologia: O pensamento fenomenológico-existencial de Karl Jaspers.* Lisboa: Imprensa Nacional, 2006.

CORREA, Cristia Rosineri Gonçalves Lopes. "A compreensão na psicopatologia de Karl Jaspers e na Psicanálise". *Mental*. Barbacena: UNIPAC, 9 (16): 375-396, jun. 2011.

CUNHA, Jurema Alcides. *Dicionário de termos da psicanálise de Freud*. Porto Alegre: Globo, 1978.

DEPRAZ, Nathalie. *Compreender Husserl*. 2.ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FÉDIDA, Pierre. *Crise et contre-transfert*. Paris: PUF, 1992.

GADAMER, Hans George. *O problema da consciência histórica*. Vila Nova de Gaia: Estratégias Criativas, 1998.

GARAUDY, Roger. *Perspectivas do Homem*. 2.ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

JASPERS, Karl. "Mi camino a la Filosofia". *Balance y Perspectiva*. Madrid: Revista do Occidente, 1953.

———. *Razão e contra-razão no nosso tempo*. Lisboa: Minotauro, s.d.

———. *Genio y Locura*. Madrid: Aguillar, 1956.

———. *Psicologia de las concepciones del mundo*. Madrid: Grados, 1960.

———. *Psicopatologia Geral*. Vols. 1 e 2, Rio de Janeiro: Atheneu, 1979.

———. *Iniciação Filosófica*. Lisboa: Guimarães, 1987.

———. *Introdução ao pensamento filosófico*. 9.ª ed., São Paulo: Cultrix, 1993.

———. *O médico na era da técnica*. Lisboa: Edições 70, 1998.

———. "Ciência e verdade". http://www.oquenosfazpensar.com/adm/uploads/artigo/traducao_carl_jaspers_ciência_e_verdade/n1.carlpdf.

MATHEUS, Carlos. *Karl Jaspers e a Fenomenologia*. Carlosmatheus.org/karl-jaspers-e-a-fenomenologia, 2013.

NEDEL, José. "A teoria da verdade em Karl Jaspers". *Organon*. Seer.ufrgs.br/organon/article/download/38705/24806

ORTEGA Y GASSET, José. "Goethe desde dentro". *Obras Completas*. 2.ª reimpresión, vol. IV, Madrid: Alianza, 1994.

PAIM, Antônio. *A problemática do culturalismo*. Porto Alegre: Edipucrs, 1995.

PERDIGÃO, Antónia. "A filosofia existencial de Jaspers". *Análise psicológica*. 4 (19): 539-557, 2001.

RODRIGUES, Adriano Carvalho Tupinambá. "Karl Jaspers e a abordagem fenomenológica na psicopatologia". *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. 8 (4): 754-768, dez. 2005.

SANTOS, Delfim. "Das regiões da realidade". *Obras Completas*. Vol. I. Lisboa: Calouste Gulberkian, 1982.

———. "Da Filosofia". *Obras Completas*. Vol. I. Lisboa: Calouste Gulberkian, 1982.

SCIACCA, Michelle Federico. *História da Filosofia, do século XIX aos nossos dias*. 3.ª ed., vol. III. São Paulo: Mestre Jou, 1968.

SILVA, Natanael. *Deus na filosofia existencial de Karl Jaspers.* www.revistatheos.com.br/artigos%20Anteriores/Artigo_03_02.pdf

SOUZA, Vinícius Silva de. Uma leitura sobre a obra *Psicologia das visões de mundo de Karl Jaspers*. http://www.sohiaweb.net/repositorio/cogitationes/cogitaticionesos/souza-Karl-jaspers.pdf